

# A TRAGÉDIA AMERICANA

Raul Pilla

**C**AIU o ditador da Colômbia, general Rojas Pinilla, membro de longa e numerosa série de ditadores latino-americanos. Caiu justamente quando, apesar da valorosa reação popular, parecia haver reforçado o seu poder, fazendo-se reeleger pela Assembleia Constituinte, por ele mesmo manipulada.

Várias lições podem extrair-se deste episódio, que ainda não parece terminado, pois os colombianos não se mostram dispostos a continuar sob o domínio militar.

A primeira é a precariedade das ditaduras, quaisquer que sejam as roupagens com que se apresentam, onde o povo não esteja inteiramente degradado pelo despotismo. Há as duradouras, mas, apesar disto, sempre incertas do seu destino. Podem definir-se o regime do temor: temem os governados, sofrendo a opressão, temem os governantes, exercendo-a, e tanto mais, quanto mais forte.

A segunda lição é que as ditaduras, por mais armas que tenham, não se aguentam muito tempo, se o povo tem o instinto da liberdade. As próprias armas com que se sustentam acabam sendo o instrumento da libertação, pois não deixam de sofrer o influxo dos sentimentos populares. A este respeito, o colombiano e o uruguaio são os povos mais bem dotados da América.

De temer é, porém, que, apesar de instrutiva e dolorosa, seja mal aproveitada a lição na Colômbia, como parece que o será na Argentina. Não obstante a longa e desastrosa experiência do presidencialismo, os povos flagelados pelas correspondentes ditaduras parecem reduzir o seu problema político, quando delas se libertam, à eleição do novo presidente. Isto é, mantêm o regime fatal que, mais cedo ou mais tarde, os levará a novas ditaduras, fechando o círculo vicioso.

Tal é a tragédia americana.